



NOVA RELAC, AM  
DO GRANDE, E NOTAVEL MILAGRE,

*Que fez o gloriozissimo*

SANTO ANTONIO

Por meyo de hũa bemdita Imagem chamada vulgarmente do Pè da Forca, livrando a hum barco de pescadores de irem cativos a terra de Mouros.

*Sucedeu o referido em o dia 25 de Janeiro deste presente anno 1755. o dito barco era de Porto Brandaõ.*



E impossivel contar os grandes milagres q̃ o nosso Inclito, e sempre verdadeiro Portuguez tem feitos naõ digo de seu feliz transiro ao Ceo, mas ainda quando existia neste mundo, desde meninõ começou a dar verdadeira

mos.

tras de sua Santidade, digaõ-no tantos milagres co-  
 mo sabemos,naõ só dos q̄ cõstaõ de sua exemplar vi-  
 da mas ainda dos q̄ sabemos por tradiçaõ. Foi ver-  
 dadeiro Sol, e o excedeu nas prosperidades, porque  
 se Sol Celeste padece varias maculas, o Sol Por-  
 tugueza he izento de todo o defeito, se Sol por  
 natureza gira do Oriente ao Occidente, o nosso  
 Portuguez do Occidente fez Berço, e do Oriente se-  
 pulchro, e verdadeiramente que só o Berço do Sol  
 poderia ser decente jazigo a melhor Sol. Naõ foi na  
 terra taõ conhecido com o nome de Sol, como de  
 Santo, e confesso, que naõ sei se foi acazo, se mys-  
 terio; porque incluindo o Sol defeitos a chamar-se  
 Sol o nosso Santo poderse-hia presumir, que tam-  
 bem tinha sombras, mas chamandolhe Santo era no-  
 me, que de si desterrava toda a suspeita ainda de le-  
 ve nota. Na verdade confesso, que tinha Antonio  
 sombras, mas essas mesmas sombras o faziaõ melhor  
 resplandecer. O mesmo S. assim parece o quiz mos-  
 trar, era Conego Regrante no Convento de S. Viçẽ-  
 te de fõra aonde existem naõ poucos finaes de sua  
 santidade; e querendo o S. resplandecer com maiores  
 luzes se meteu nas sombras do sagrado burel do grãde  
 Patriarca da Penitencia S. Francisco, e aqui entre as  
 luzentes sombras deste Santo habito sobrefahiraõ  
 mais os rayos da sua virtude. Já intenta passar as  
 terras Africanas com o desejo de lá dilatar a verda-  
 deira Fé, mas que a providencia que ca mais per-

to aonde vacila tropeçando a mesma Fè v<sup>3</sup>à Antonio para q̄ convencendo hereges pertinazes vejaõ estes patentes os seus erros obstinados, mas que faço, ou que pertendo? Sendo o meu assumpto contar hum milagre deste Santo, me tinha passado a seu Panegirista? Não meu glorioso Santo, nem a minha lingua pôde dizervos elogios, nem o meu entendimento sabe tecervos Panegyricos, unicamente a minha vontade dezeja tributarvos rendimentos.

Partiraõ pois desta Cidade para o seu costumado trabalho, assáz perigozo, assim pela furia dos ventos, como pela inconstancia dos mares, como pela tirania dos homens, varios Pescadores em hum Barco, q̄ era de Antonio Nunes Falcaõ bẽ conhecido pelo nome, entre os que exercitaõ a occupação laboriosa dos pescadores, quando elles talvez descuidados do perigo se imaginavaõ izentos de cuidados, e tendo lançado as redes para recolherem seu trabalho, entaõ se viraõ em mayor enredo com a mais horrivel perseguição.

De repente se viraõ acometidos de huma Setia, e hum chaveco de Mouros inimigos declarados do nome Catholico, que armados em horrorosa guerra lhe pertendiaõ não sómente roubar as fazendas, mas cativarlhe a liberdade. Seriaõ nove horas e meya do dia quando começaraõ a sentir esta tragedia, e como a pequena resistencia do barco não era sufficiente para disputar forças com tam desigual

4  
partido em breve tempo , se virão os torpēs secta-  
rios de Mafoma logrando o seu intento senhores do  
que desejavam , assim estes hiam alegres , como  
aquelles miseraveis tristes , discorriam na sua pe-  
na, e lamentavam a sua desgraça. Não lhe occorria  
remedio algum com que mitigar a sua dôr, e só ti-  
nham por dezaogo conformarem-se com a sua for-  
te ; eram mil as promessas, que faziam, mas pare-  
ciaõ-lhe já superfluas ao seu intento.

No meyo de tantas penas, quem havia de con-  
golar aquelles tristes, senam a alegria de Lisboa, e  
quem havia de libertar a estes miseraveis, senaõ o  
mais heroico Portuguez, e quem havia de ser norte  
a estes naufragantes, senaõ o Sol do Occidente; o  
grande Vieira com razaõ chamou Estrellas as  
Pregadores, o mesmo chamou Sol a Santo Antonio,  
e sendo Antonio Estrella por ser Pregador, clao  
esta que aqui se foi Estrella do Norte para segui-  
rem o milhor rumo os nossos Pescadores, e jurta-  
mente Sol, que cegou aquelles perfidos Piratas, que  
esta he a propriedade do verdadeiro Sol a huns ce-  
ga, a outros alumea.

Era huma quarta feira o dia referido, e pegan-  
do-se todos com viva, e pura Fé, acompanhada de  
Esperança infalivel de remedio na protecção deste  
Santo, experimentaram a incomparavel Caridade da  
maneira seguinte.

Era já bastante a viagem que tinham navegado,



5  
é como os Argelinos lhe parecia impossivel traiçãõ,  
segura a preza não uzaram de outra prevençã  
mais que tirar todo o mantimento aos nossos, e to-  
dos os preparos que estes costumam levar nos seus  
barcos para sua defeza. Deixando os ir no proprio  
barco acompanhados de alguns Mouros para a sua  
guarda. Quizeram estes já em notavel distancia ir  
ao chaveco buscar algum mantimento, e metendo-  
se em hum escaler ficáraõ sómente dous Mouros de  
guarda aos nossos pescadores, ainda aquelles não ti-  
nhaõ chegado bem ao chaveco, quando de repente foi  
taõ rijo o vento, que separou estas tres embarcações  
humas das outras, que foi impossivel já mais avista-  
rem-se, ficando os nossos por este modo izentos do  
perigo em que se achavaõ; mas ainda metidos em  
outro não menos consideravel, qual era aquella  
distancia de partes aonde tivessem mantimento,  
vendose quazi constangidos a acabarem a vida com  
a necessidade.

Mas em taõ apertado risco ainda experimentaraõ  
mayor benignidade em seu Patrono, em parte oc-  
ulta levava hum dos ditos Pescadores algum paõ,  
que de rezerva costumava levar para cautela de al-  
gum incidente, e posto que pouco por ter escapado  
á deligencia dos Mouros quando procuraraõ o Barco  
servio agora de remedio oportuno; e porque não  
chegava a todos tomaraõ a resoluçã de lançarem os  
dous Mouros ao mar, juntamente para ficarem li-  
vres

vres de toda a suspeita de traição ; era passado pouco mais de hũa hora quando ao longe tornaraõ a ver hum navio , aquihe cresceo, e renovou sua dôr imaginando-se outra vez acometidos dos mesmos piratas. Mas brevemente este receyo se trocou em complemento de gosto, quando viraõ que era hum navio do Algarve, que chegando-se a elles os conçolou do passado trabalho, e levando-o em sua companhia até ao mesmo Reyno nelle se cõsertou de sorte que seguro pudesse fazer viagem para esta Cidade.

Chegou em fim aqui quando já as mulheres, filhos, e parentes dos mesmos pescadores se choravaõ viúvas, orfaõs, ou todos pelo menos com seus Pays, e maridos cativos, mas tinhaõ-se pegado notavelmente com o mesmo Santo de que eraõ muito devotos, e aqui foi a mayor alegria, que tiveram em sua vida confessando dever todos a este Santo a sua felicidade, o que conforme as suas possibilidades agradecerãõ com alguns donativos; e sobre tudo mandando fazer hum retabulo em que se vê pintada esta scena, levantarãõ a este Santo hum obelisco da sua Piedade, e juntamente hum eterno Padraõ do agradecimento.

F I M :

*Si aliqui adversum fidem dixi deleatur, omnia correctione supremae subiecto, &c.*

# LICENCAS DO SANTO OFFICIO.

ILLUSTRISSIMOS, E REVERENDISSIMOS SEHHORES:

**O** Papel intitulado Nova Relação do grande, e notavel milagre, que fez o gloriozissimo Santo Antonio, &c. de que trata esta petição, nada contem contra a fé, ou bons costumes; pelo que não desmerece da licença, que se pede para se dar á estampa, este o meu parecer, Vossas Illustrissimas ordenarám o que forem servidos. Lisboa em S. Domingos aos 20 de Fevereiro de 1755.

*Fr. Manoel do Nascimento.*

**V**ista a informação, pode-se imprimir o papel que se apresenta, e depois voltará conferido para se dar licença que corra, sem a qual não correrá. Lisboa 21 de Fevereiro de 1755.

*Fr. R. Alencastre. Silva. Abreu. Paes. Trigozo.  
Silveiro Lobo. Castro.*

## DO ORDINARIO.

EXCELLENTISSIMO E REVERENDISSIMO SENHOR

**O** Papel incluso nada contem contra a nossa Santa Fé, e bons costumes. Donde julgo, que se pôde imprimir. Carmo de Lisboa 27 de Fevereiro de 1755.

*Fr. Jozè Pereira de Santa Anna.*

**V**ista a informação pode-se imprimir o papel de que se trata, e depois de impresso voltará conferido para se lhe dar licença para correr. Lisboa 27 de Fevereiro de 1755.

*D. J. Arc.*

DO

D O P A C, O.

S E N H O R.

**E**ste papel, que Vossa Magestade me manda ver, contém a relação de hum milagre do nosso Lusitano Taumathurgo o Senhor Santo Antonio, livrando do poder dos Mouros a hum barco de pescadores, por meyo de huma horrorosa tempestade. Pare ceme, que deve imprimir-se para que não fique no esquecimento esta memoria, que não será tão permanente nas tintas, e letras da pintura, que já o publicação como nos immortaes Caractères do prelo. V. Magestade mandará o que for servido.  
Lisboa 28 de Fevereiro de 1755.

*Filippe Fozé da Gama.*

**Q**ue se possa imprimir vistas as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e depois de impresso tornará a Meza para se conferir, e taixar, e dar licença para que corra, que sem ella não correrá. Lisboa 3 de Março de 1755.

*Marquez P. Atayde. Castro. Imaus.*

---

L I S B O A :

*Com todas as licenças necessarias.*

